

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

**PANDEMIA DA COVID-19 E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM: UMA REFLEXÃO CRÍTICA**

Goiânia – GO.

2021/2



MARIA VIRGÍNIA PEREIRA

**PANDEMIA DA COVID-19 E OS IMPACTOS NA SAÚDE MENTAL DA EQUIPE DE ENFERMAGEM: UMA REFLEXÃO CRÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial, para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

**Orientadora**: Professora Dra. Adrielle Cristina Silva Souza

Goiânia – GO.

2021/2

**RESUMO**

**Introdução:** A Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020 declarou a COVID-19 como uma Pandemia. A pandemia desencadeou demanda de trabalho mais complexa aos profissionais da equipe de enfermagem, causando maior cansaço e desgaste laboral. **Objetivo:** Realizar uma reflexão crítica sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na saúde mental da equipe de enfermagem, no Brasil. **Método:** Trata-se de um artigo de reflexão, com o propósito de debater sobre a saúde da equipe de enfermagem considerando o momento atual da pandemia da COVID-19. A coleta de dados ocorreu em agosto e setembro de 2021, por meio da busca de artigos científicos na BVS, que abarca várias bases de dados e na SciELO. Os achados nesta busca foram acrescidos dos dados dos boletins epidemiológicos divulgados pelo Ministério da Saúde. A análise dos artigos foi realizada diante de uma leitura exploratória dos estudos encontrados que correspondem ao propósito da pesquisa. **Resultados:** O presente artigo está dividido em 03 categorias, sendo elas: 1) A saúde mental da equipe de enfermagem antes da pandemia da Covid-19; 2) Sofrimento psíquico da equipe de enfermagem com a pandemia da Covid-19; 4) “Heróis” da saúde precisam de mais que aplausos. **Conclusão:** Este trabalho possibilitou entender que antes da pandemia a rotina desses profissionais já era estressante e a carga horária desgastante. É preciso garantir o direito a remuneração justa e condições de trabalho adequadas para que possam exercer a profissão livre de danos. A precarização nos processos de contratação contribuiu com aumento de sobrecarga de trabalho que impacta diretamente na saúde dos colaboradores, ficando com alto níveis de estresse, Burnout, sintomas depressivos e ansiosos.

**Palavras-chave:** COVID-19; Pandemia; Enfermagem; Transtornos Mentais.

# SUMÁRIO

# 1 INTRODUÇÃO 04

# 2 OBJETIVO 06

2.1 Objetivo Geral 06

# 3 MÉTODO 07

# 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES 08

## 4.1 A saúde mental da equipe de enfermagem antes da pandemia da Covid-19 08

## 4.2 Sofrimento psíquico da enfermagem com a pandemia da Covid-19 10

## “Heróis” da saúde precisam de mais que aplausos 17

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 19

# REFERÊNCIAS 20

# 1 INTRODUÇÃO

Na província de Wuhan na China, em dezembro de 2019, foi detectado uma nova síndrome respiratória aguda e com potencial altamente infecciosa, provocada por um novo Coronavírus (SARS-CoV-2). A Organização Mundial da Saúde (OMS), em janeiro de 2020, anunciou que se tratava de um surto com novas infecções. No mês de março de 2020 a OMS declarou a COVID-19 como uma Pandemia (LANA et al., 2020).

A família do Coronavírus é conhecida por afetar o sistema respiratório causando infecções. Suas primeiras descobertas foram em 1937, oportunidade em que foram isolados. Em 1965 foi chamado de Corona pois seu perfil na microscopia parece uma coroa (LIMA, 2020).

O vírus causador da pandemia do Covid-19 possui um alto potencial de transmissibilidade e leva algumas pessoas contaminadas, rapidamente a um estado crítico de saúde (SOUZA et al, 2021).

No Brasil, de forma acelerada o vírus se espalhou causando um grande número de infectados e mortes. Neste contexto, o Governo tomou providências para garantir a segurança das suas populações, buscando evitar principalmente o colapso do sistema de saúde do País, Estados e Municípios. Estas medidas foram chamadas como preventivas para conter o número de infectados (ESTELA; AQUINO, 2020), denominadas intervenções não farmacológicas (INF).

As INF envolvem medidas com abrangência individual, ambiental e comunitário, dentre elas: lavar as mãos, a distanciamento social, uma maior exposição ao sol, o arejamento nos ambientes, limpar os objetos e superfícies, e restringir uso coletivo de lugares de maior convívio comunitário, como transporte público, além de outros ambientes onde existem aglomeração de pessoas em um mesmo momento (GARCIA, 2020).

Toda sociedade civil sentiu grande impacto para enfrentar essa nova situação, que foi descrita como sendo de alta mortalidade (GARCIA, 2020). Nesse cenário, destaca-se a atuação dos profissionais da saúde que lidam diariamente com a assistência desde a prevenção à recuperação da saúde, além do cuidado pós-morte dos contaminados pela Covid-19 à assistência de suas famílias (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Destaca-se a constante preocupação com a equipe de enfermagem, nesta pandemia, pois a mesma possui maior propensão a ser acometida pela contaminação, pois são os que mais estão sendo expostos aos riscos, devido ao maior tempo de contato com o paciente. (SOUZA; SOUZA, 2020).

No Brasil já foram confirmados 21.478.546 casos de infecção pelo SARS-CoV-2 até o dia 04 de outubro de 2021, conforme os dados divulgados pelo Ministério da Saúde. Segundo o Boletim Epidemiológico Especial (BE 82 - Boletim COE Coronavírus) do Ministério da Saúde, foram notificados 601.652 casos de SG suspeitos de covid-19 em profissionais de saúde no e-SUS Notifica, até o dia 29 de setembro de 2021. Destes, 146.685 (24,38%) foram confirmados. As profissões de saúde com maiores registros dentre os casos confirmados foram técnicos e auxiliares de enfermagem (43.577 - 29,70%), enfermeiros (24.719 – 16,85%) e médicos (15.809 – 10,78%) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Com esses dados, surge a preocupação com a categoria da enfermagem por dois pontos: primeiro, a saúde mental da equipe que está trabalhando com os pacientes contaminados e, segundo, quando o próprio profissional é afetado pela COVID-19, ficando na condição de paciente. Conforme dados, até 29 de setembro de 2021 foram contabilizados 749 óbitos de Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em profissionais de saúde. Os maiores registros foram de São Paulo (153), Minas Gerais (98) e Rio de Janeiro (79) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Os profissionais de enfermagem constituem a maior categoria profissional no âmbito de saúde, com isso desempenham funções essenciais ao cuidado integral aos contaminados pela COVID-19. A pandemia ainda desencadeou uma enorme demanda de trabalho a estes profissionais, causando maior cansaço e desgaste laboral. Destaca-se também outros impactos, como sofrimento, insegurança no meio intra e extra-hospitalar, medo e angústia frente a situação de incertezas diante da doença e perdas de vidas constantes (SOUZA; SOUZA, 2020).

Sendo assim, o presente trabalho abordará uma reflexão crítica de quais impactos a Pandemia da COVID-19 gerou na saúde mental da equipe de enfermagem, que têm realizado o trabalho de cuidado direto e contínuo neste momento.

# 2 OBJETIVO

**2.1 Objetivo Geral**

Realizar uma reflexão crítica sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na saúde mental da equipe de enfermagem, no Brasil.

# 3 MÉTODO

Trata-se de um artigo de reflexão, com o propósito de debater sobre a saúde da equipe de enfermagem considerando o momento atual da pandemia da COVID-19. Refletir sobre um assunto em eminencia gera aprimoramentos nos conhecimentos nesta área.

A coleta de dados ocorreu em agosto e setembro de 2021, por meio da busca de artigos científicos na BVS (Biblioteca virtual em Saúde), que abarca várias bases de dados e na Scientific Eletronic Library Online (SciELO).

Para a realização deste estudo foi definido os descritores: “Enfermagem”; “Sofrimento Psíquico”; “Bournout”; “Coronavírus”; “Infecções Respiratórias”, de acordo com a classificação dos Descritores em Ciências de Saúde (DESC). Os achados nesta busca foram acrescidos dos dados dos boletins epidemiológicos divulgados pelo Ministério da Saúde.

A análise dos artigos foi realizada diante de uma leitura exploratória dos estudos encontrados que correspondem ao propósito da pesquisa, respondendo ao questionamento para a reflexão: Quais os impactos na saúde da equipe de enfermagem diante da pandemia da Covid-19?

Assim foi realizado um cruzamento crítico de fatos sobre a situação de trabalho e saúde vivenciada pela equipe de enfermagem desde o início da pandemia, com os entraves já anteriormente vivenciados.

O presente estudo não foi submetido à análise por Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos por se tratar de pesquisa bibliográfica. Entretanto, foram respeitados os princípios da honestidade e fidedignidade, assim como a autoria dos artigos pesquisados, utilizando-se para as citações e as referências dos autores as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

# 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente artigo está dividido em 03 categorias, sendo elas:

**1)** A saúde mental da equipe de enfermagem antes da pandemia da Covid-19;

**2)** Sofrimento psíquico da equipe de enfermagem com a pandemia da Covid-19;

**3)** “Heróis” da saúde precisam de mais que aplausos.

## 4.1 A saúde mental da equipe de enfermagem antes da pandemia da Covid-19

A enfermagem é uma área essencial à organização e funcionamento dos serviços de saúde, tem como função a restauração e promoção da saúde, a prevenção de agravos e doenças, além do alívio do sofrimento. A equipe de enfermagem assegura cuidados ao paciente, a família e a coletividade; organiza suas ações e intervenções de modo autônomo, ou em conjunto com demais profissionais; tem o direito a uma justa remuneração e a condições de trabalho adequadas, que garantam um cuidado profissional livre de danos e seguro (COFEN, 2017).

No entanto, Rocha, Sito e Pinto (2019) destacam que os baixos investimentos em recursos humanos no setor de enfermagem vêm agravando-se, provocando aumento de profissionais desqualificados, achatamento salarial e não-reposição de pessoal. Muitos desses profissionais possuem mais de um vínculo empregatício e, assim atuam em longos turnos de trabalho, sem períodos necessários para o real descanso (plantões diurnos e noturnos de forma consecutiva), que é reconhecidamente maléfico à saúde.

A precarização nos processos de contratações, aumentando as vagas para vínculos temporários, cooperativas de profissionais, terceirização e, ainda, voluntariado, contribuí com o aumento da sobrecarga de trabalho que impacta diretamente na saúde dos colaboradores, altos níveis de estresse, Burnout e sintomas depressivos e ansiosos (ABREU et al, 2002; BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Para os profissionais de enfermagem, o cotidiano de trabalho é extremamente estressante, principalmente para os colaboradores graduados, frente as responsabilidades assumidas, e apesar da autonomia destes profissionais, a carga de trabalho contribui para vários pontos de tensão, já que respondem pela gestão, qualidade e produtividade do trabalho (DINIZ; CORREIA, 2011).

Nesse contexto, no setor de saúde, os profissionais mais expostos a adquirir doenças decorrentes do trabalho são os profissionais de enfermagem (ABREU, et al., 2012). Estudo de Carugno et al. (2014) aponta como os principais adoecimentos são as doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo e transtornos mentais e comportamentais, conforme Classificação Internacional de Doenças (CID-10).

Os profissionais de enfermagem, em seu processo de trabalho, vivem expostos a todas as cargas de desgaste, assim o estresse ocupacional e o sofrimento mental são resultados da alta carga de trabalho vivida pelos profissionais da saúde, devido ao desgaste psíquico mais intenso que o físico, o qual reflete na insatisfação com a atividade laboral e na saúde física dos trabalhadores, e podem interferir negativamente nos tratamentos fornecidos aos pacientes. Esses impactos são considerados custos não-econômicos na avaliação de programas e tratamentos (BANDEIRA, PITTA e MERCIER, 2000; SOUZA et al. 2015).

Outro fator que também impacta na saúde mental dos profissionais de enfermagem é o eminente risco de mortes dos pacientes presentes no cotidiano de trabalho, assim além de desempenhar o cuidado devem ter capacidade psíquica a fim de equilibrar seus sentimentos, pensamentos e comportamentos (SMELTZER et al., 2008).

As infraestruturas das unidades também influenciam no aspecto da saúde ocupacional, pois geralmente não garante boas condições de trabalho, com locais para repouso digno e para o atendimento digno ao paciente, caracterizado por dispor de equipamentos sucateados, baixas condições de higiene, falta de medicamentos, ausência de leitos, dentre outros. Todos esses fatores contribuem com desgaste emocional por parte dos profissionais que atuam no setor de enfermagem (DE MARCO et al., 2008).

O adoecimento psíquico, segundo Rocha, Saito e Pinto (2019) estão mais presentes no contexto hospitalar, devido ao modelo hierarquizado, em que as tarefas são divididas e repetitivas, cujas decisões já são normatizadas e muitas vezes sem levar em conta a opinião da maioria dos trabalhadores envolvidos com a assistência, favorecendo, dessa maneira, o empobrecimento intelectual e uma distância ainda maior entre o que é planejado e o que é efetivamente realizado.

Fernandes et al. (2015) estudaram os motivos que interferem na saúde mental de enfermeiros intensivistas e constataram e evidenciaram a insatisfação com a rotina do setor e com as relações interpessoais na equipe, falta de segurança na conduta de outros profissionais, descontentamento com o ambiente de trabalho, convívio com o sofrimento e morte dos pacientes, falta de material e estrutura da instituição. A não participação ativa nos processos decisórios, o baixo ou nenhum reconhecimento e valorização profissional (no quesito intelectual, de produção e salarial), desvio de função, ausência de promoção e crescimento profissional, insatisfação com o sistema de trabalho, remuneração inadequada, falta de liderança, competitividade e desunião provocam insatisfação na equipe de enfermagem (SCUSSIATO et al., 2019).

O ambiente e as condições de trabalho e a desmotivação para o mesmo acarretam no surgimento da ansiedade, cansaço, sonolência, estresse, irritação e muitos outros dispositivos que podem gerar o sofrimento psíquico ocupacional. Este decorre, geralmente, do desgaste físico e mental provocado por diversos aspectos ameaçadores do bem-estar do enfermeiro que compromete, inclusive a saúde do profissional e a qualidade da assistência por ele prestada (FERNANDES et al., 2015).

Assim, faz-se fundamental a garantia da saúde desses profissionais pelos órgãos governamentais da esfera pública estadual, pois o adoecimento e as longas ausências motivadas por doença, além de provocarem prejuízos aos próprios servidores e às suas famílias, favorecem a queda da qualidade assistencial proporcionada à população. Nesse sentido, o investimento em ações voltadas para a promoção da saúde e segurança dos trabalhadores levando em conta seus respectivos locais de trabalho é de importância vital para evitar o adoecimento e as aposentadorias precoces (ROCHA, SAITO e PINTO, 2019).

Tanto Cruz (2006) quanto Boemer, Rossi e Nastari (1991) consideram que o modo como o colaborador vivencia ou realiza suas atividades de trabalho potencializa a sua saúde mental ou a sua doença. Assim sendo, ao ser responsável pelo cuidado integral ao paciente, o profissional de enfermagem precisa estar bem, a fim de trabalhar bem, oferecendo cuidado de qualidade e seguro.

## 

## 4.2 Sofrimento psíquico da enfermagem com a pandemia da Covid-19

Para a redução da transmissão da COVID-19 as autoridades sanitárias realizaram diversas medidas de contenção, que visam o distanciamento social como modo de prevenção. Os esforços coletivos para reduzir a transmissão na sociedade, tem sido um fator estressante para a população, principalmente em relação à saúde mental. Com isso, é necessário ressaltar que as problemáticas envolvendo a pandemia, estão sendo além dos riscos de contaminação.

A saúde mental da população do mundo está sendo acometida de diversas maneiras. As demandas psicológicas, nesse contexto precisam receber mais atenção, de modo que preserve a saúde psíquica dos indivíduos (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020). A soma dos medos relacionados ao adoecimento e morte pela COVID-19, as medidas de distanciamento adotadas e o afastamento das relações sociais, estão entre os estopins para o sofrimento mental e agravamento daqueles já existentes (PARK; PARK, 2020).

Aqueles indivíduos que tiveram que manter a jornada de trabalho, como profissionais da enfermagem, apresentaram grandes preocupações e estresse excessivo, ainda mais o que têm se submetido diariamente as aglomerações nos transportes públicos, aos atrasos neste trajeto, e em decorrência disto, o risco de insuficiência de renda (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

A preocupação com a saúde psíquica dos profissionais de saúde, atuantes da linha de frente contra a COVID-19, a destaque dos enfermeiros e técnicos de enfermagem, deve ser emergente, pois estes estão vivenciando diariamente circunstâncias de estresse e ansiedade, ressaltando ainda mais a necessidade destes cuidados. A saúde mental destes profissionais, precisa ser priorizada continuamente para o enfrentamento eficaz da pandemia (BEDFORD et al., 2020), pois estes são peças chave para o cuidado da população acometida por patologias (TEIXEIRA et al., 2020, p. 3466).

O contexto pandêmico pode causar no profissional da enfermagem impactos na saúde mental, tais como: Burnout, sofrimento psíquico, pânico e outro tipos de adoecimentos, que resulta em afastamento por exaustão e medo dos que constituem a equipe enfermagem (HUMEREZ; OHL; SILVA, 2020; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

A angústia e a preocupação não se limitam apenas ao ambiente de trabalho, também são levadas para o ambiente familiar, o medo de contaminar os entes queridos também está no pilar de destaques para o adoecimento mental dos profissionais. Os profissionais consideram o término do plantão como um período delicado, onde o sentimento de culpa se aflora, por pode estar colocando quem se ama em risco (FERREIRA et al., 2020). Se considera como um dos meios de contaminação a desparamentação incorreta dos Equipamentos de Proteção Individuais (EPI’s), os que não realizaram de forma correta podem contaminar ambientes fora do hospital (FARIA et al., 2019).

Segundo Ferreira e seus contribuintes (2020), frente a esta realidade a maioria dos médicos e enfermeiros estão trabalhando sem recursos e materiais, principalmente em pequenos hospitais de interiores. Relacionado a isto, é importante salientar, que estas circunstâncias geram sentimento de incapacidade nos profissionais responsáveis pelas assistências, abalando o emocional dos que trabalham diariamente. Em época que é cobrado constantemente um atendimento humanizado, não se pode alegar apenas a falta de capacitação dos profissionais, e sim ressaltar que a pandemia se tornou algo extremamente inesperado, na qual os colaboradores não esperavam e nem imaginavam.

Além da escassez de EPI’s nas unidades de saúde, ainda existem outros assuntos a serem discutidos, referente as comorbidades que afetam os profissionais de enfermagem, o que os tornam integrantes dos grupos de risco para a COVID-19. Estudos recentes apontaram que as doenças que mais acometem estes profissionais são doenças do sistema muscular; doenças do sistema nervoso; doenças cardiovasculares; doenças do tecido conjuntivo; doenças endócrinas, metabólicas e nutricionais; transtornos comportamentais e mentais (SOUZA; SOUZA, 2020).

A grande carga horária de trabalho, também favorece para o aparecimento de transtornos psicológico dos assistencialistas. Assim como, os fatores biológicos, que abrangem questões de cansaços físicos excessivos, físicos, referentes a infraestrutura hospitalar, mental, devido ao contato com os pacientes contaminados e com amigos e familiares, que também passam por este sofrimento (SILVA et al., 2016).

Os procedimentos e condutas de enfermagem requerem complexidades, sendo assim, os profissionais se encontram receosos e pressionados na realização destes, pois estão lidando com a vida de outra pessoa, que naquele momento apresenta condições frágeis (CERQUEIRA et al., 2018). Ao mesmo tempo em que suas próprias vidas estão sendo expostas a uma doença que oferece grandes riscos de se contaminarem, podendo ocasionar até a morte, sendo assim, aumentam os sofrimentos destes profissionais, que em sua maioria não são discutidos (FERREIRA et al., 2020).

É perceptível o quanto as equipes atuantes na linha de frente estão sendo pressionadas, pois sabe-se que qualquer erro cometido poderá acarretar uma mudança de papéis, onde quem será cuidado caso se contamine será o profissional de saúde. Deve- se considerar a singularidade humana frente ao sofrimento, já que a cobrança pessoal se torna ainda maior neste momento, ~~devido às técnicas terem que ser exercidas de forma perfeita~~, de modo que não poderá cometer erros, pois qualquer desacerto pode ocasionar em contaminação (FERREIRA et al., 2020).

Há constante discussão para priorização da prevenção transmissão do Corona vírus, deixando em segundo plano a preocupação e cuidado com a saúde psíquica da equipe de enfermagem. Destaca-se que:

É fundamental para evitar a transmissão de Covid-19 nos estabelecimentos de saúde e nos domicílios dos mesmos, sendo necessário adotar protocolos de controle de infecções (padrão, contato, via aérea) e disponibilizar EPIs, incluindo máscaras N95, aventais, óculos, protetores faciais e luvas. Além disso, deve-se proteger a saúde mental dos profissionais e trabalhadores de saúde, por conta do estresse a que estão submetidos nesse contexto. (TEIXEIRA et al., 2020, p. 3466).

Vários protocolos assistenciais foram elaborados, no entanto, a maioria dos profissionais que estão responsáveis pelos cuidados dos pacientes infectados, não são habilitados para atender a grande demanda da saúde mental na pandemia. Não recebem nem mesmo atendimento para si mesmo, sendo está uma fragilidade assistencial que pode contribuir com o agravamento ainda mais da pandemia (XIANG et al., 2019).

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) é composto por diversos dispositivos de saúde, os quais preveem a realização de mecanismos e ações de promoção da saúde para os profissionais que prestam assistência, em destaque neste momento pandêmico. Caso ações de cuidado e acolhimento aos profissionais não sejam implementadas e efetuadas, ainda existe a probabilidade de que aconteça um colapso no sistema de saúde, devido ao risco de colapso emocional por parte dos profissionais de saúde (SILVA; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

Diante das inúmeras prioridades neste momento de pandemia, a saúde mental dos profissionais de enfermagem deve ser também considerada e priorizada. Os acontecimentos recentes impactaram a vida de todos, a adequação psicológica não se trata de uma mudança simples, pois envolve bastante complexidade, a incerteza do que ainda virá e os danos que podem ser gerados aumentam ainda mais a ansiedade. Ou seja, os profissionais de enfermagem se encontram fragilizados frente aos acontecimentos futuros (LORO et al., 2016). Porém é imprescindível que os serviços de saúde aprendam com está nova vivência para poder traçar novas táticas de enfrentamento para esta e outras pandemias futuras (SOUZA; SOUZA, 2020).

De acordo com Oliveira e Fontana (2013), os danos psíquicos são classificados como violência que acomete a enfermagem na realização de seus serviços, e contribuem para a desumanização assistência prestada aos pacientes. Diante do isolamento hospitalar, para a realização do diagnóstico de COVID-19 a enfermagem se torna figura principal no cuidado a estes pacientes, pois o contato mais íntimo e diário que esses clientes vão ter são com a equipe, criando assim uma forte relação afetiva entre paciente e profissional.

Um dos momentos que se tornam mais delicados para a equipe de enfermagem é quando algum paciente que se encontrava sob os cuidados chega a falecer, pois, a convivência e o afeto interferem grandemente nesta questão (FERREIRA et al., 2020). Outro aspecto que também afeta diretamente a saúde mental dos trabalhadores são as de terem que lidar frente à perda de amigos próximos de serviço, essa questão pode interferir no cuidado prestado por uma equipe inteira. A enfermagem vai além da profissão, compartilham emoções, cordialidade, percepções, respeito e sentimentos um com os outros (MACHADO et al., 2016).

Para lidar com o enfrentamento de situações e grandes emoções que subsidiam decisões e pressões, o profissional acaba optando por medicamentos, para um alívio, principalmente aqueles classificados como psicotrópicos. Um dos transtornos que mais afetam enfermeiros é o transtorno depressivo, na qual em muitas vezes os indivíduos se tornam dependentes de medicamentos, seja a longo ou médio prazo, com isso essas medicações se tornam frequentes no cotidiano. O estresse entre os trabalhadores também tem aumentado bastante, o que acarreta desgaste, negação e irritação. O ambiente hospitalar dificulta ainda mais para que esse quadro mude, pois, nota-se que este coopera com a deterioração física e mental (VIEIRA et al., 2016).

Para Porto (1999, p.1), “O termo depressão, na linguagem corrente, tem sido empregado para designar tanto um estado afetivo normal (a tristeza), quanto um sintoma, uma síndrome e uma (ou várias) doença (s).” Ele também aborda que, enquanto sintoma a depressão pode ser evidenciado em diversos quadros clínicos, como: demência, transtorno de estresse pós-traumático, doenças clínicas, alcoolismo e entre outras causas. Podendo ocorrer como resposta decorrentes a situações geradoras de estresse, circunstâncias sociais e econômicas.

Já como síndrome, ela não está apenas relacionada as mudanças do humor relacionado a tristeza, apatia, falta de capacidade de sentir prazer e irritabilidade, mas também como alterações psicomotoras, alterações cognitivas e vegetativas, como mudanças no sono e apetite. E como doença a depressão pode ser classificada inúmeras formas, dependendo do período histórico, da visão de autores e de pontos de vistas adotados. Estudos abordam os seguintes quadros: transtorno depressivo maior, distimia, melancolia, depressão integrante do transtorno bipolar tipos I e II, depressão como parte da ciclotimia e entre outras (PORTO, 1999).

Coryell (2018) enfatiza que não existe uma causa concreta, ainda é desconhecida, mas pesquisas apontam que envolve aspectos relacionados a hereditariedade, fatores psicossociais, alterações nos níveis de neurotransmissores e alteração da função neuroendócrina. Acerca da hereditariedade a depressão é comum em parentes de primeiro grau de pacientes deprimidos, sendo altamente alta em gêmeos idênticos, além dos fatores genéticos contribuírem para o desenvolvimento de eventos adversos e respostas depressivas. Teorias apontam que alterações nos níveis de neurotransmissores, como a desregulação dos neurotransmissores colinérgicos, catecolaminérgicos, glutamatérgicos e serotoninérgicos, essa desregulação pode afetar de forma direta nas relações entre: hipotálamo/hipófise/ adrenal, hipotálamo/hipófise/tireoide e hormônio do crescimento.

Além de os fatores psicossociais, perdas e separações podem acarretar uma depressão mais elevada, porém, não são causadores de depressão grave e duradoura, apenas em casos que existe predisposição a ter transtorno do humor. Indivíduos que passaram por depressão maior possuem um risco maior de ter outros episódios futuramente, assim como aqueles que são ansiosos. Em grande parte, muitos deles não apresentam habilidades sociais para enfrentarem problemáticas relacionadas ao cotidiano, podendo ser desenvolvida também em indivíduos que possuem outros transtornos mentais (CORYELL, 2018).

Mulheres possuem um maior risco para desenvolverem, porém, nenhuma teoria ainda evidenciou o motivo, mas existem possíveis fatores que podem contribuir, como: taxas altas de disfunção tireoidiana; níveis mais elevados de monoamino-oxidase; maior exposição ou resposta aumentada a estresse cotidianos e alterações endócrinas no período menstrual e menopausa (CORYELL, 2018). Sendo este um dado importante, pois a profissão de enfermagem ainda se sustenta em grande parte por mulheres em todos os níveis de atenção em saúde (LOPES; LEAL, 2005).

Devido à pandemia a demanda de pacientes tem aumentado de forma rápida, o que requer mais esforços por parte dos trabalhadores, muitas vezes os profissionais já se acostumaram tanto com a rotina exaustiva, que não se dão conta dos sinais e sintomas apresentados de exaustão psíquica (FERREIRA et al., 2020).

Ferreira e seus colaboradores ressaltam que:

Concomitante as possibilidades apresentadas que auxiliam na manutenção da saúde mental, o profissional deve estar ciente do momento em que a ajuda especializada torna-se necessária, uma vez que o monitoramento e o cuidado continuo subjugam-se as únicas formas de prevenção. De uma forma geral, conhecer a própria mente e entender como reagir diante desse momento tão delicado é de fundamental importância para atuar de maneira saudável e produtiva. (FERREIRA et al., 2020, p.14).

É um desafio saber lidar com os vínculos adquiridos, tantas perdas diárias de pacientes e sofrimentos. Para não se deixar levar pelo desgaste emocional, é necessário saber impor limites na dor vivenciada (VIEIRA; OLIVEIRA, 2019). Assim como a realização destas práticas integrativas, para o alívio e prevenção dos transtornos psíquicos, mas conciliar o tempo para efetuar também é outro desafio (DUARTE; GLANZNER; PEREIRA, 2017). Estas cobranças favorecem o sofrimento destes profissionais, que em sua maioria não compartilham os sentimentos com outras pessoas, guardam para si mesmos (DUARTE; MENDES, 2014).

Com o início da vacinação contra o Covid-19 as esperanças e expectativas para melhora do contexto mundial e nacional emergiu fortemente. No entanto, para os profissionais da enfermagem a demanda de trabalho seguiu crescente, conforme diversos relatos divulgados nas mídias nacionais, que mostram profissionais da saúde sem medir esforços para garantir vacinação aos pacientes, atravessando rios a pé, adentrando sertões e florestas além de mais exposição, além de maior exposição a episódios de agressão por parte da população na ânsia de receberem imunizantes (DUARTE; MENDES, 2014).

Diante do cenário de grande demanda de trabalho a equipe de enfermagem, vale lembrar que o SUS possui o Programa de Humanização, no qual prevê a extrema importância inserir momentos de cuidado com enfoque nos profissionais de enfermagem, realizando um cuidado de forma integral nas doenças mentais e físicas. Cada indivíduo possui suas singularidades, seus traumas pessoais diante de situações vivenciadas, assim é necessário considerar cada pessoa com suas especificidades únicas e cuidar de quem cuida (GONÇALVES; SIMÕES, 2019).

## 4.3 “Heróis” da saúde precisam de mais que aplausos

Nesse estudo de reflexão, é possível perceber que mesmo a enfermagem corresponder ao maior número de profissionais da saúde o cenário de atuação desta é repleto de más condições de trabalho, salários baixos, episódios de agressão, ademais de que durante a pandemia estão entre os grupos de risco a se contaminar e ter ainda mais adoecimento mental impulsionados pelo trabalho (BESSA et al, 2020; SAMPAIO et al., 2021).

Com a pandemia da covid-19, enfermagem ganha destaque e (re)conhecimento diante da atenção e atuação constante no cuidado aos pacientes, família e comunidade. Assim, por um momento a equipe de enfermagem que historicamente ocupou “espaço” de desprestígios, invisibilidade, desconsideração tornaram-se os protagonistas. Durante a quarentena a população em suas janelas realizaram vários atos de aplausos e orações de modo a homenagear os profissionais da linha de frente, chamando-os de “heróis” e “anjos” da saúde (BUSSINGNER, 2020).

Representantes da enfermagem utilizou esse momento de visibilidade para reforçar lutas seculares, como a regulamentação da jornada de trabalho de 30 horas e o piso salarial. Além disso, os apelos visam à valorização do trabalho executado pelos profissionais da categoria, exigindo condições adequadas de trabalho, equipamentos de proteção individual (EPI) em qualidade e quantidade suficientes para prestar assistência segura aos pacientes, a conscientização da população sobre as medidas de proteção ao vírus, bem como a importância do isolamento social. A documentação destaca, ainda, a importância de contratações, como também a aquisição de equipamentos, insumos, materiais, e capacitação, visto que, esta classe é a que mantem contato maior e duradouro com o paciente infectado (COFEN, 2020; FORTE e PIRES, 2020).

Por mais que a pandemia evidenciou a importância da enfermagem no cuidado ao ser humano, oportunizando os profissionais a se sentirem vistos e reconhecidos pela sociedade, por outro lado destaca-se a afirmação do olhar distorcido à categoria, apontando a profissão como “dom”, “amor” prestado por “anjos e heróis” (para designar enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem). Esse reforço midiático e reprodução publica retoma ideários produzidos durante décadas acerca da (des)legitimação do trabalho profissional da enfermagem. É urgente emergir e reproduzir o papel crucial da enfermagem como alicerce para o cuidado em saúde, a qual intervêm diretamente no processo saúde/doença do indivíduo e da comunidade, com base na ciência. Desmitificando assim, na população e na mídia, uma corporação de servilismo da enfermagem e do enfermeiro (AVILA et al, 2013; MENDES, 2022).

O Conselho Regional de Enfermagem do Estado de Alagoas (COREN-AL) em maio de 2021 lançou a campanha em alusão ao mês da enfermagem intitulada “Nem anjos, nem heróis. Somos Profissionais, somos ENFERMAGEM”.  O intuito da campanha era dar visibilidade sobre a rotina da profissão à população, mostrando que, apesar das adversidades e privações que o período impõe, esses profissionais seguem comprometidos com o trabalho. A campanha aponta uma posição antagônica à da sociedade de modo geral, evidenciando que, muitas vezes, os profissionais não se sentem como anjos ou heróis, especialmente quando possuem condições desfavoráveis à execução do seu trabalho, má remuneração e desvalorização profissional (MENDES, 2022).

Ser vistos como anjos e heróis, distribuindo palmas, não supre as necessidades e dificuldades vividas pela categoria da enfermagem durante anos de desvalorização, como, péssimas condições de trabalho e um piso salarial inconstitucional. Embora a enfermagem tenha sido considerada heroica na pandemia, seus atores sinalizam sentimentos de medo e insegurança, comuns aos da sociedade. Essa ambivalência, *heróis versus realidade*, tem sido problematizada, já que o número elevado de óbitos das equipes, remuneração inadequada e fragilidades organizacionais têm afetado negativamente as condições de trabalho e da saúde dos da enfermagem no contexto pandêmico (BESSA et al, 2020).

Somente aplausos e panelaços não são o suficiente para o alcance do patamar merecido pelos profissionais da enfermagem, é preciso deter-se, também, em articulações que proporcionem discussões e fortalecimento de ações políticas que venham beneficiar a categoria. É indispensável destacar assim a construção da autonomia e a notoriedade cientifica da profissão (BESSA et al, 2020).

Faz-se necessário investir na produção de conhecimento próprio da categoria em meio a situação a qual estamos vivenciando, para angariar ainda mais força política, fortalecendo a busca pelo reconhecimento do trabalho profissional legal e pela sociedade. Isso implica movimentos que ultrapassem os “panelaços”/salvas de palmas nas janelas: é preciso que, por meio de condições dignas de trabalho e salários justos, se impacte efetivamente a realidade de quem executa o cuidado de enfermagem, resguardando a assistência segura aos pacientes e saúde física e mental aos profissionais que compões as equipes de enfermagem dos diversos serviços de saúde (BESSA et al, 2020; MENDES, 2022).

# 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender que antes da pandemia a rotina desses profissionais já era estressante e a carga horária desgastante. A equipe de enfermagem é responsável pelos cuidados aos pacientes e familiares e organiza ações de modo autônomo ou em conjunto com os demais profissionais.

É preciso garantir o direito a remuneração justa e condições de trabalho adequadas para que possam exercer a profissão livre de danos. O baixo investimentos em recursos humanos da enfermagem vem agravando o aumento de profissionais desqualificados, achatamento salarial, e não reposição de pessoal.

A precarização nos processos de contratação contribuiu com aumento de sobrecarga de trabalho que impacta diretamente na saúde dos colaboradores, ficando com alto níveis de estresse, Burnout, sintomas depressivos e ansiosos.

Os indivíduos que que tiveram que aumentar sua jornada de trabalho durante a pandemia apresentaram grandes preocupações e estresse excessivo. A saúde mental deles precisa ser priorizada. Todos os profissionais tiveram medo por falta dos EPI e de levar doenças contaminação para a família. Ressalta-se a necessidade de atuação dos órgãos responsáveis e fiscalizadores COREN/COFEN na supervisão e luta pela melhorias nas condições de saúde desses profissionais.

# REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. C. *et al*. Uso da música nos diversos cenários do cuidado: revisão integrativa. **Revista Baiana de Enfermagem**, Bahia, v.28, n.1, p.96-106, 2014. Disponível em: <[https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6967/ 8712](https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/6967/%208712) >. Acesso em: 14 mai. 2021.

ARMENGOL, J. G.; LIMA, T. V. *Los Servicios de Urgencias y Emergencias ante la Pandemia por SARS-CoV-2*. ***Dialnet***, Mardid, v.32, n.3, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7351828>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

ÁVILA, L. I. *et al.* Implicações da visibilidade da enfermagem no exercício profissional. **Rev. Gaúcha Enferm**. v. 34, n. 3, 2013, p. 102-9. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1983- 14472013000300013> Acesso em: 19 out. 2021.

BEDFORD, J. *et al*. COVID-19: *towards controlling of a pandemic*. ***The Lancet***, Reino Unido, v.395, n.10229, p.1015-1018, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi. nlm.nih.gov/32197103/>. Acesso em: 13 mai. 2021.

BESSA, M. M. *et al*. Protagonism of nursing in times of covid-19: heroes? **Rev. Enferm UFPI**. v.9: e10781, 2020.Disponível em: <doi:10.26694/reufpi.v9i0.10781> Acesso em: 19 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **10 novas práticas integrativas no SUS**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <[https://www.inca.gov.br/noticias/ ministerio-da-](https://www.inca.gov.br/noticias/%20ministerio-da-)[saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus](https://www.inca.gov.br/noticias/ministerio-da-saude-inclui-10-novas-praticas-integrativas-no-sus)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

BUSSINGNER, E. **Enfermeiros: de desvalorizados a protagonistas da luta contra o Coronavírus**, 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/ eldabussinguer/enfermeiros-de-desvalorizados-aprotagonistas-da-luta-contra-o-cor onavirus-0420>. Acesso em 13 mai. 2021.

CERQUEIRA, M. A. *et al*. Atuação do enfermeiro na utilização do desfibrilador em situação de emergência. **Biológicas & Saúde**, Goiás, v.8, n.27, 2018. Disponível em:<<https://ojs3.perspectivasonline.com.br/%20biologicas_e_saude/article/view/1431>> Acesso em: 13 mai. 2021.

COFEN. Saúde de profissionais de enfermagem é foco em tempos de Covid-19 [Internet]. Brasília: Conselho Federal de Enfermagem – COFEN, 2020.

CORYELL, W. **Transtornos depressivos**. Manual Merck Online, 2018. Disponível em: <[https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/transtornospsiqui%C3%A1tricos/ transtorn](https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/transtornospsiqui%C3%A1tricos/%20transtorn)[os-do-humor/transtornos-depressivos?query=Depress%C3%A3o#v102802 9\_pt](https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/transtornospsiquiátricos/transtornos-do-humor/transtornos-depressivos?query=Depressão&v1028029_pt)>. Acesso em: 13 mai. 2021.

DUARTE, M. de L. C.; GLANZNER, C. H.; PEREIRA, L. P. O trabalho em emergência hospitalar: sofrimento e estratégias defensivas dos enfermeiros. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v.39, 2017. Disponível em: <https://www.lume. ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183980/001077467.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 mai. 2021.

DUARTE, F. S.; MENDES, A. M. B. Da escravidão a servidão voluntária: perspectivas para a clínica psicodinâmica do trabalho no Brasil. **Revista Estudos Organizações e Sociedade**, Minas Gerais, v.2, n.3, p.68-128, 2014. Disponível em: <<https://revistas.face.ufmg.br/index.php/farol/article/view/2579>>. Acesso em: 16 mai. 2021.

FARIA, L. B. G. *et al*. Conhecimento e adesão do enfermeiro às precauções padrão em unidades críticas. **Texto & contexto enfermagem**, Florianopolis, v.28, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100353&lng=en&nrm=iso) [0707 2019000100353&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072019000100353&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

FERNANDEZ, R., et al. Implications for COVID-19: A systematic review of nurses’ experiences of working in acute care hospital settings during a respiratory pandemic. **International Journal of Nursing Studies**., v.111, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0020748920301218?via%3Dihub>. Acesso em: 05 out. 2021.

FERREIRA; F. G. *et al*. *A reflection on the mental health of the emergency nurse in the context of the pandemic by Covid-19.* ***Research, Society and Development***, São Paulo, v.9, n.7, p.1-21, 2020. Disponível em: <[https://rsdjournal.org/ index.php/ rsd/article/view/4534](https://rsdjournal.org/%20index.php/%20rsd/article/view/4534)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

FORTE, E. C. N.; PIRES, D. E. P. Nursing appeals on social media in times of coronavirus. **Rev Bras Enferm.** v. 73, suppl 2:e20200225, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0225> Acesso em 19 out. 2021.

GÓIS, C. W. de L.; RIBEIRO, K. G. Biodança, saúde e qualidade de vida: uma perspectiva integral do organismo. **Revista Pensamento Biocêntrico**, Chile, v.10, p.44-65, 2008. Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27608/ 1/2008\_art\_cwlgois.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/27608/%201/2008_art_cwlgois.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2021.

GONÇALVES, J. R.; SIMÕES, J. R. de S. A percepção do enfermeiro no lidar com a morte durante a assistência. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasília, v.2, n.5, 2019. Disponível em: <[http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/194?articlesBy SameAuthorPage=4](http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/194?articlesBy%20SameAuthorPage=4)>. Acesso em: 13 mai. 2021.

HUMEREZ, D. C. de; OHL, R. I. B.; SILVA, M. C. N. da. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do brasil no contexto da pandemia covid-19: ação do conselho federal de enfermagem. Cogitare Enfermagem, Paraná, v. 25, p.1-1, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/74115>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

JÕNSSON, C.; LENCASTRE, L. Trauma e religião: um modelo de adaptação psicológica baseado no coping religioso. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Portugal, v.17, n.1, p.32-38, 2016. Disponível em: <[https://www.redalyc.org/pdf/362/36245014 004.pdf](https://www.redalyc.org/pdf/362/36245014%20004.pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LANA, R. M. *et al*. Emergência do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva.**Cadernos Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3, p.1-5, 2020.   Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php? script=sci\_arttext&pid=S0102-311X2020000300301&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000300301&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 mai. 2021.

LORO, M. M. *et al*. Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.20, n.4, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_ arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_%20arttext&pid=S1414-) [81452016000400204&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000400204&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cafajeste. Pagu**, Campinas, n. 24, pág. 105-125, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid= S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=%20S0104-) [83332005000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 mai. 2021.

MACHADO, M. H. *et al*. Condições de trabalho da enfermagem. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v.7, p.63-71, 2016. Disponível em: <[http://revista.cofen.gov.br/index .php/enfermagem/article/view/695](http://revista.cofen.gov.br/index%20.php/enfermagem/article/view/695)>. Acesso em: 20 maio 2021.

MENDES, M. *et al*. Neither angels nor heroes: nurse speeches during the COVID-19 pandemic from a Foucauldian perspective. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. 2022, v. 75, suppl 1: e 20201329, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10. 1590/0034-7167-2020-1329>. Acesso em: 06 out. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim Eepidemiológico Especial nº 82 - Doença pelo Novo Coronavírus – COVID-19**. Brasília, 2021. Disponível em: [https://www.gov.br/ saude/pt-br/media/pdf/2021/outubro/01/boletim\_epidemiologico\_covid\_82.pdf](https://www.gov.br/%20saude/pt-br/media/pdf/2021/outubro/01/boletim_epidemiologico_covid_82.pdf). Acesso em: 05 out. 2021.

OLIVEIRA, C. M.; FONTANA, R. T. Violência psicológica: um fator de risco e de desumanização ao trabalho da enfermagem. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v.11, n.2, p.243-249, 2013. Disponível em: <[https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ CiencCuidSaude/article/view/11951](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/%20CiencCuidSaude/article/view/11951)>. Acesso em: 16 mai. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **traditional medicine strategy: 2014-2023**. Genebra, p.1-76, 2013. Disponível em: <[https://www.who.int/medicines/publications/ traditional/trm\_strategy14\_23/en/](https://www.who.int/medicines/publications/%20traditional/trm_strategy14_23/en/)>. Acesso em: 16 mai. 2021.

PARK, S-C; PARK, Y. C. Mental Health Care Measures in Response to the 2019 Novel Coronavirus Outbreak in Korea. ***Psychiatry investigation****,* Coreia do Sul, v.17, n.2, p.85-86, 2020. Disponível em: <[https://www.psychiatryinvestigation.org/m/jour nal/view.php?number=1130](https://www.psychiatryinvestigation.org/m/jour%20nal/view.php?number=1130) >. Acesso em: 20 mai. 2021.

PORTO, J. A. del. Conceito e diagnóstico. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 21, supl. 1, pág. 06-11, 1999. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script= sci\_arttext&pid=S1516-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000500003&lng=en&nrm=iso) [44461999000500003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44461999000500003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de maio de 2021.

SAMPAIO, A. B. de O. *et al.* Burnout entre profissionais de enfermagem em época de coronavírus: O que dizem as evidências científicas? **In: COVID-19 O Trabalho dos Profissionais da Saúde em Tempos de Pandemia.** Editora Científica, 2021. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/201202671.pdf> Acesso em: 05 out. 2021.

SILVA, R. P. *et al*. Burnout e estratégias de enfrentamento em profissionais de saúde. **Revista Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v.67, n.1, 2020, p.130-145. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v67n1/10.pdf.> Acesso em: 05 out. 2021.

SILVA, H. G. N.; SANTOS, L. E. S. dos; OLIVEIRA, A. K. S. de. Efeitos da pandemia no novo Coronavírus na saúde mental de indivíduos e coletividades. ***J. nurs. Health***, Pelotas, v.10, n.4, p.1-10, 2020. Disponível em: <https://periodicos. ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18677/11415>. Acesso em: 14 mai. 2021.

SILVA, R. M. da *et al*. Efeitos do trabalho na saúde de enfermeiros que atuam em clínica cirúrgica de hospitais universitários. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, p. 1-7, 2016. Disponível em: <[https://www.revistas.usp.br/rlae/ article/view/124574](https://www.revistas.usp.br/rlae/%20article/view/124574)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SOUZA, L. P. S.; SOUZA, A. G. de. Enfermagem brasileira na linha de frente contra o novo Coronavírus: quem cuidará de quem cuida?. ***Journal of Nursing And Health***, Rio Grande do Sul, v.10, n.4, p.1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos. ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/18444>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SOUZA, N. V. D. de O. *et al.* *Nursing work in the COVID-19 pandemic and repercussions for workers’ mental health*. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 42, p.1-6, 2021. Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/rgenf/a/ MHPHGNFPtgYJgQzwyFQnZZr/?lang=en&format=pdf](https://www.scielo.br/j/rgenf/a/%20MHPHGNFPtgYJgQzwyFQnZZr/?lang=en&format=pdf)>. Acesso em: 20 mai. 2021.

TEIXEIRA, C. F. de S. *et al*. A saúde dos profissionais de saúde no enfrentamento da pandemia de Covid-19. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 3465-3474, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid =S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid%20=S1413-) [81232020000903465&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903465&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 mai. 2021.

VIEIRA, G. F. E.; OLIVEIRA, W. A. Sentimentos do enfermeiro no cotidiano do atendimento pré-hospitalar. **Revista UNINGÁ**, Maringá, v.56, n.6, p.45-52, 2019. Disponível em: <[http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/2604#:~:text= Os%20resultados%20mostram%20que%20no,consideram%20motivador%20o%20reconhecimento%20e](http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/2604#%3A~%3Atext%3DOs%20resultados%20mostram%20que%20no%2Cconsideram%20motivador%20o%20reconhecimento%20e) >. Acesso em: 13 mai. 2021.

VIEIRA, G. C. G. *et al*. Uso de psicotrópicos pelo enfermeiro: sua relação com o trabalho. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v.17, n.3, 2016. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8118>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

XIANG, Y-T *et al*. Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. ***The Lancet Psychiatry***, Reino Unido, v.7, n.3, p.228-229, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32032543/>>. Acesso em: 14 mai. 2021.